

Da escassez à produção regional de vacinas na América Latina



» JARBAS BARBOSA
Diretor da Organização
Pan-Americana da
Saúde (OPAS)

pandemia, em 2020, os mecanismos de compra conjunta da Opas, os Fundos Rotatórios Regionais (FRR), adquiriam apenas 1,5% de suas vacinas de fornecedores da região. Em 2025, esse percentual chegou a 23%, e seguimos avançando para superar 40%. Não se trata de um detalhe estatístico, é a prova de que estamos passando da vulnerabilidade à resiliência.

Produzir na região significa previsibilidade, prazos de entrega mais curtos, menor exposição a interrupções globais e maior capacidade de resposta rápida diante de emergências. Também impulsiona a inovação, gera empregos qualificados e fortalece cadeias produtivas que dinamizam as economias. Inclusive, reduz o impacto ambiental ao diminuir o transporte intercontinental. Mas, acima de tudo, constrói segurança sanitária; em uma crise, quem controla parte da cadeia de suprimentos pode proteger melhor sua população.

Os FRR, que reúnem a demanda de 33 países e nove territórios da região, oferecem previsibilidade aos produtores, facilitam a transferência de tecnologia e otimizam recursos, reduzindo custos e ampliando o acesso.

Um primeiro marco é a vacina pneumocócica conjugada 20-valente (PCV-20). Graças a um acordo entre os Fundos, a Pfizer e a Sinergium Biotech, da Argentina, essa tecnologia estará disponível para a região em breve, permitindo que países de renda média tenham acesso mais rápido a uma inovação que antes dependia do exterior.

Outro exemplo é a estratégia para a produção de vacinas contra a influenza. Em 2025, cerca de 10% das compras por meio dos Fundos provinham de produtores regionais; para 2026, essa proporção chegará a 65%, com papel-chave da Sinergium e do Instituto Butantan, do Brasil.

Nada disso seria possível sem um ecossistema sólido por trás. A produção regional exige autoridades

regulatórias robustas, políticas industriais coerentes, talento especializado e incentivos estáveis que atraiam investimentos.

Esse é o papel da Plataforma Regional de Inovação e Produção da Opas: impulsionar a pesquisa aplicada, o desenvolvimento tecnológico e as parcerias entre países, governos e setor privado, além da implementação de políticas nacionais. Um exemplo concreto é o trabalho em capacidades de RNA mensageiro. A Plataforma apoiou Bio-Manguinhos, no Brasil, a estabelecer a própria estrutura e facilitou a transferência de tecnologia para a Sinergium, hoje aplicada além da covid-19, em prioridades como a leishmaniose e a preparação para futuras pandemias.

A experiência é clara: países que investem nessas capacidades as consolidam; os que não investem, as perdem.

Em 2025, os Fundos Rotatórios entregaram 234 milhões de doses de vacinas e outros insumos, alcançando 85 milhões de pessoas. Os preços foram, em média, 50% mais baixos para vacinas e entre 60% e 90% mais acessíveis em medicamentos de alto custo, incluindo terapias oncológicas, otimizando o uso dos recursos públicos.

Em apenas dois anos, demonstramos que esse modelo funciona. Começamos com vacinas porque são a ferramenta mais poderosa diante de emergências, mas o potencial vai muito além: diagnósticos, medicamentos estratégicos e dispositivos médicos. As Américas têm o talento e as condições para se tornarem um polo produtivo de classe mundial.

Reduzir vulnerabilidades não significa se fechar para o mundo, mas promover uma maior integração para gerar benefícios compartilhados. O momento é agora. Fortalecer a produção regional e a segurança sanitária nas Américas não é apenas uma prioridade de saúde: é uma aposta estratégica que beneficia a todas as pessoas.

Semana S, mobilização que integra o Brasil



» JOSÉ ROBERTO TADROS
Presidente do Sistema
CNC-Sesc-Senac

Brasil acorda, alimenta-se, locomove-se e se diverte com a força do setor terciário. Do balcão do comércio de bairro à alta tecnologia que sustenta os serviços de entretenimento; da hospitalidade que acolhe o turista em destinos desejados à educação profissional que transforma um jovem aprendiz em um técnico de excelência necessária para seu setor, o comércio de bens, serviços e turismo é o pulso vivo e ininterrupto da economia nacional. Trata-se de uma engrenagem que não conhece o repouso, operando 24 horas por dia para garantir que a sociedade brasileira tenha acesso ao consumo, ao lazer e ao suporte essencial para a vida moderna.

Responsável por empregar sete em cada 10 brasileiros com carteira assinada, esse setor não apenas gera riqueza e movimentação cerca de 70% do Produto Interno Bruto (PIB); ele sustenta a própria harmonia social por meio da dignidade conferida pelo trabalho. O comércio é, historicamente, a porta de entrada para o mercado de trabalho formal e a principal ferramenta de ascensão social no Brasil. É para celebrar essa força motriz e compartilhar com a Nação o valor inestimável da prestação de serviços que realizamos, nos dias 15 e 16 de maio, a Semana S 2026.

A dimensão desse evento nacional reflete um modelo de gestão alicerçado na excelência, na responsabilidade e na transparência que orientam a atuação secular da Confederação Nacional do Comércio (CNC). Financiadas exclusivamente com recursos privados dos empresários do setor terciário, o Sesc e o Senac demonstram, na prática, que a iniciativa privada é um agente de transformação social ágil e eficaz para complementar as entregas das estruturas públicas. Ao unir qualificação profissional de ponta e qualidade de vida com sustentabilidade financeira, provamos que o "capitalismo social" não é apenas uma teoria, mas uma realidade que pulsa em cada unidade nossa espalhada pelo território brasileiro. A Semana S 2026 surge, portanto, como o momento oportuno para sintetizar, de forma integrada, a amplitude desse ecossistema.

Queremos evidenciar, para o cidadão, para o empreendedor e para o legislador, que cada centavo investido pelo empresário brasileiro no Sistema S retorna integralmente à sociedade na forma de benefícios tangíveis. Não falamos apenas de números orçamentários, mas de atendimentos odontológicos em nossas carretas de saúde, de vagas de emprego reais acessíveis em nossos feirões e da preservação da nossa identidade por meio de incentivos culturais.

Durante os dois dias de Semana S, a capilaridade do Sistema Comércio se revelará de forma concreta e diversa, respeitando as vocações de cada região. Na Bahia, o evento fortalecerá o turismo estratégico e o networking empresarial; no Rio de Janeiro, o Senac demonstrará como a gastronomia de excelência impulsiona o setor de serviços; no Amapá, a tecnologia de realidade virtual servirá como porta de entrada para a inclusão digital; enquanto no Paraná e em Alagoas, o foco será o bem-estar e o "Hub de Carreiras", conectando diretamente o talento à oportunidade de trabalho.

Esses são apenas alguns exemplos dessa mobilização nacional que é a expressão mais genuína do papel do Sistema Comércio no cotidiano. O Sesc e o Senac chegam para complementar a presença do Estado. Seja nas capitais ou nos rincões do interior, atuamos com os recursos gerados pelo próprio setor produtivo para entregar à sociedade serviços que o orçamento público dificilmente conseguiria replicar com o mesmo padrão de qualidade e custo-benefício.

Além da assistência e da educação, a Semana S 2026 democratiza o acesso à alta cultura. Levar artistas diversos, como Luísa Sonza, Elba Ramalho, Xande de Pilares, Glória Groove, Ludmila, Dilsinho, Fresno e tantos outros para palcos abertos e gratuitos é uma forma de retribuir ao trabalhador do comércio o fruto de sua dedicação diária. É promover o lazer como um direito fundamental, essencial para o equilíbrio de uma sociedade que busca evoluir. Paralelamente, nossos braços técnicos oferecem ao micro e pequeno empresário consultorias de gestão e inovação que garantem a sobrevivência e o crescimento de quem sustenta a economia na ponta.

A Semana S 2026 é, portanto, um convite para estreitar ainda mais os laços que unem a atuação do Sesc e do Senac à sociedade brasileira. Reafirmamos com ela, também, o compromisso negociável do empresário-do-comércio em construção de um país mais justo, competitivo e socialmente equilibrado.



Estilos de capitalismo



» MARCELLO AVERBUG
Consultor econômico,
ex-professor da UFF, economista
aposentado do BNDES e
ex-economista do BID

foi desmascarado, sobrando como realidade apenas o modesto nível de vida da população.

Constata-se, então, que, a partir do final dos anos de 1980, a maior parte do mundo consagrou o capitalismo como melhor alternativa disponível de organização da sociedade, inibindo a amplitude de qualquer visão crítica. Mas, será que o saldo do desempenho dos países capitalistas justifica um tranquilo sentimento de satisfação?

Winston Churchill declarou ironicamente que a democracia é o pior sistema político que existe, com exceção de todos os demais! A mesma frase pode ser aplicada ao capitalismo, pois, embora ainda não tenha sido descoberto sistema melhor, inúmeras razões justificam submetê-lo a aperfeiçoamentos.

Contemplando a forma como o capitalismo vem sendo praticado, tanto nos países desenvolvidos quanto nos menos privilegiados, chega-se à conclusão de que existem motivos de preocupação quanto às perspectivas de longo prazo. Surge, então, a dúvida: será que esses países estão caminhando em direção a um estágio qualitativo substancialmente superior ao atual?

Sob o ângulo do progresso tecnológico, a evolução em curso é admirável e gera otimismo quanto ao que poderá ser alcançado em vasto conjunto de setores. Porém, sob o ângulo socioeconômico, a realidade não é animadora. Inúmeros exemplos podem ser usados para ilustrar essa conclusão, mas aqui serão citados apenas dois.

O primeiro é o fato de que o estilo de capitalismo em

vigor nas nações não desenvolvidas falhou em proporcionar taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) suficientes para libertá-las de tal condição. Desde o final da Segunda Guerra, nenhuma dessas nações, com exceção da Coreia do Sul, logrou ingressar no clube dos desenvolvidos, e algumas até se distanciaram ainda mais da porta de entrada do almejado clube. O caso da China é peculiar, conforme mencionado anteriormente.

Como segundo exemplo, que abrange a maior parte do mundo, cabe apontar a permanente tendência ao aumento dos contrastes sociais. É o que aponta o Relatório Mundial sobre a Desigualdade 2026, elaborado pelo World Inequality Lab sob a liderança do economista francês Thomas Piketty. O relatório abrange todo o planeta, mas o peso estatístico dos países capitalistas é preponderante.

A atual concentração de patrimônio atingiu o maior nível em três décadas. Os 10% mais ricos da população detêm 75% de toda a riqueza global, enquanto a metade mais pobre fica com apenas 2%. A desigualdade também é revelada quando se observa o nível de renda anual das classes sociais: os 10% mais ricos do mundo detêm 53% da renda global, enquanto os 50% mais pobres recebem apenas 8%.

Mediante os dois exemplos citados, é possível avaliar o quanto seria relevante a adoção de políticas públicas que incrementassem a capacidade do capitalismo em promover desenvolvimento em todas as nações e, também, amenizar a concentração de renda vigente na comunidade internacional.

Além dos conflitos políticos, religiosos e bélicos que atormentam a humanidade, existe outro gênero de atrito ainda latente e não percebido pela opinião pública. Nem mesmo os núcleos acadêmicos, esferas políticas e outros segmentos da sociedade mundial se deram conta do seguinte: futuras tensões poderão ocorrer pelo fato de que as duas principais correntes ideológicas há longo tempo predominantes — capitalismo e socialismo/comunismo — não vêm proporcionando suficientes benefícios aos habitantes do planeta.

No lado socialista/comunista, minoritário no cenário global, o fracasso é inquestionável, e os poucos países ainda submersos nesse sistema, como Cuba e Coreia do Norte, padecem de baixo nível de vida, autoritarismo e mediocridade cultural. China e Vietnã, teoricamente classificados como comunistas, só lograram excepcional crescimento econômico quando incorporaram elevado grau de teor capitalista em seus sistemas produtivos. Quando a União Soviética desmoronou, seu antes aparente vigor econômico